Mesa redonda 1: Jogo e Matemática: uma relação possível

Profª Especialista: Maria Nilza Fernandes Alves

Apesar de ter uma experiência de vários anos em sala de aula como professora de Matemática, na rede pública e particular, minha experiência em jogos matemáticos aconteceu a partir do ano de 2007 quando fui cursista do GESTAR, Programa Gestão da Aprendizagem Escolar, quando desenvolvi um projeto voltado para o lúdico na sala de aula. Antes deste período eu já utilizava jogos, porém de uma forma menos elaborada, como atividade de revisão ou substituindo um exercício de fixação, como uma forma de sair da rotina. A maioria dos professores ainda utiliza jogos em sala de aula desta forma, e acredito que mesmo esta prática não atendendo ao objetivo principal do ensino da matemática numa perspectiva de um conhecimento dinâmico, onde seus conceitos sejam percebidos, construídos e interpretados de modos diferentes, valorizando a individualidade e a autonomia dos alunos, a utilização de jogos consegue desenvolver habilidades e competências importantes quem qual quer nível. Nós professores de matemática, na sua maioria, não estamos preparados para elaborar jogos dentro dos parâmetros do construtivismo, ou seja, valorizando a reflexão, onde o professor é um mediador no grupo, entregando a condução e a iniciativa aos alunos, onde além de promover a construção do conhecimento valoriza as vivências dos alunos, sua cultura e seu meio social. Nessa perspectiva o jogo pode ser explorado dentro da pedagogia da resolução de problemas e da contextualização dos conteúdos abordados no currículo escolar. O projeto GESTAR é importante no debate destas questões, porém infelizmente, na nossa cidade, é ainda um trabalho restrito aos professores efetivos da rede estadual, e muitos profissionais comprometidos com estas questões não têm acesso.

A rotina diária do professor é árdua, a falta de tempo não é desculpa, é um fato, temos a necessidade da pesquisa e também de mais abertura a discussões nos grupos de trabalho, elaborar jogos é difícil e muito trabalhoso, mas se o professor trabalhar isolado ficará muito mais complicado, precisamos dividir o trabalho, ampliar nossas parcerias, cobrar de entidades como a UESB, cursos de formação continuada que satisfaçam as nossas carências. Atualmente lidamos com questões sociais muito sérias e graves que afetam a nossa convivência com o aluno e interfere diretamente ou indiretamente com qual quer estratégia de ensino escolhida pelo professor. Nesse sentido as atividades lúdicas nos têm sido um forte aliado, porém é necessário estar bem planejado, pois existem as armadilhas da pseudo aprendizagem. Vale a pena lembrar a observação da professora Patrícia Sadovsky em entrevista a revista Nova Escola " *... o aluno pode não conseguir aprender dentro da escola a complexidade de um conceito só brincando. Por isso o jogo deve ser o ponto de partida para estabelecer relações matemáticas muito bem definidas pelo professor."* (Edição Especial nº 14, p. 08-10).